

James Joyce and Translation II James Joyce & Tradução II

Richard Ellmann reports that for Joyce, “There [wa]s nothing that cannot be translated.”¹ Be it as it may, the issues of translatability vs. untranslatability are built into Joyce’s oeuvre. The essays in English gathered in this special, second issue of “James Joyce and Translation”,² tackle untranslatability and offer readers a glimpse of the challenge that Joyce’s polytropical and transgressive *Ulysses* and *Finnegans Wake* present to translators. To begin with, Fritz Senn, the doyen of Joyce – and Joyce translation – studies, opens the collection with an essay on a topic that has been one of his long-term preoccupations, that is, the ruptured, inchoative, anomalous syntax in the Joycean interior monologues that dramatizes ongoing processes in the mind but that, as a rule, gets rectified in translation. His essay examines the instances of not-yet-articulated, pre-syntactical units of thought in Joyce and translators’ strategies to recreate Joyce’s jarring expression in their own languages. Frequently, normative syntactic and narrative control is introduced by means of inflection or punctuation, especially if it is ingrained in by a given language.

If to translate seems an impossible task that tabulates failure and surrender – in Paul de Man’s famous deconstruction of Benjamin’s *Die Aufgabe des Übersetzers*, *Aufgabe* is also *auf-geben*, “giving-up” – it is nevertheless a refusal to surrender to that impossibility that generates a multitude of lateral departures – *auf-geben* also meaning “a sending-off [mail]” or “dispatching”. Annotations, traditionally held to be the symptoms of a translation’s impasse/failure, are thus liminal cases of translation’s impossible, yet endlessly fertile coping with its impossible task; they become the emblems of the inherently defective process of translation itself. Tim Conley’s insightful essay takes issue with Philippe Lavergne’s annotations to his French translations of *Finnegans Wake* which, besides being the epitome of untranslatability, is also an (intra)transferential book that annotates and rewrites itself (as well as other texts written about it) and one that is by definition annotated by each of its readers – where the process of reading (if “reading” is the word) becomes one of annotation. In his case studies of Lavergne’s annota-

Richard Ellmann relata que para Joyce “não havia/há nada que não possa ser traduzido.” Seja como for, as questões relativas à traduzibilidade vs. intraduzibilidade são parte constituinte da obra de Joyce. Os artigos em língua inglesa reunidos nesta segunda edição especial de “James Joyce & Tradução” atacam o problema da intraduzibilidade e oferecem aos leitores uma olhadela sobre o desafio que o *Ulysses* e o *Finnegans Wake* politrópicos e transgressores de Joyce apresentam aos tradutores. De início, Fritz Senn, o decano dos estudos joyceanos – e dos estudos joyceanos da tradução –, abre a coleção com um artigo sobre um tópico que tem sido uma de suas preocupações duradeiras, a saber, a sintaxe quebrada, incoativa, anômala dos monólogos interiores joyceanos que dramatiza processos em curso na mente, mas que, em regra, é retificada na tradução. Seu artigo examina ocorrências de unidades de pensamento ainda-por-serem-articuladas e pré-sintáticas, e as estratégias dos tradutores para recriarem em suas próprias línguas a expressão dissonante de Joyce. Frequentemente, empreende-se um controle normativo sintático e narrativo por meio de inflexões ou da pontuação, especialmente se esse estiver bem arraigado numa língua dada.

Se a tradução parece ser uma tarefa impossível que cataloga o fracasso e a rendição – na famosa desconstrução de Paul de Man de *Die Aufgabe des Übersetzers* de Benjamin *Aufgabe* também é *auf-geben*, “desistir” –, ela é, todavia, uma recusa a render-se àquela impossibilidade, o que gera uma multitude de distanciamentos laterais – *auf-geben* também significa “envio [de uma correspondência]” ou “despacho”. As notas, tradicionalmente tomadas como os sintomas do impasse/fracasso de uma tradução, são, pois, casos liminares de seu enfrentamento impossível e ao mesmo tempo interminavelmente fértil com a tarefa da tradução; elas se tornam os emblemas do processo inerentemente defeitivo da tradução em si mesmo. O espirituoso artigo de Tim Conley discute as notas de Philippe Lavergne em sua tradução francesa do *Finnegans Wake*, que além de ser o epítome da intraduzibilidade também é um livro (intra)transferencial que anota e re-escreve a si mesmo (assim como aos outros textos escritos sobre ele), e que é por definição anotado por cada um dos seus leitores – quando o processo de leitura (se

¹ Georges Belmont, in 'Table Ronde,' Engraves (Vincennes: Université de Paris VIIe), No. 4-5 (Autumn 1980), 182. Quoted in Richard Ellmann, James Joyce, p. 631. Oxford University Press, 1986.

² The first special issue of *Scientia Traductionis* on the topic at hand is available here: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/issue/view/1590>.

tions, where translation and annotation overlap to a great extent, Conley shows how the *Wake* text reveals all annotations to be inconsistent. He also demonstrates any poetics of annotation to be “by definition as provisional, compromised, and discrepant as any poetics of translation”.

2012 saw the publication of a number of re-translations of Joyce’s *Ulysses*; we have the privilege to publish articles by the authors of two of these re-translations – Enrico Terrinoni’s Italian *Ulisse*, which in December 2012 won the prestigious Premio Napoli, and Erik Bindervoet and Robbert-Jan Henkes’s Dutch *Ulixes*. The essays by the translators offer invaluable insights into their scholarly workshop and poetics. Terrinoni’s critically acclaimed new Italian version, coming in the wake of Giulio de Angelis’s canonical 1960 text, is discussed here by the author himself and by two Italian Joyceans: the veteran Joyce scholar, Rosa Maria Bollettieri Bosinelli, and Ira Torresi. Their essay – originally presented at the XXIII International James Joyce Symposium in Dublin, June 2012 – is a comparative analysis of vocabulary, idiomatic use and register of both De Angelis’ and Terrinoni’s translations of *Ulysses*, carried out with the rigorous methodology of polysystem theory. The essay aims to show the varying extents to which the two translations “re-foreignize” the *Ulysses* text – that is, restore it to its legitimate foreignness in the recipient culture and by so doing, allow its disruptive potential to be (re)generated in the recipient literary polysystem and cultural environment.

Enrico Terrinoni’s article tackles one of the most elusive problems of translation’s theory and practice: the issue of rendering lexical, semantic and syntactic indeterminacy on the one hand, and the issue of polyguity on the other. By advocating the concept of translation-as-transformation, Terrinoni’s spirited essay takes issue with the pressures of the book market on translators, and launches a call to resistance using his own Italian rendering of *Ulysses*. Through a series of examples taken from “Telemachus” to “Penelope”, the author traces the constraints and possibilities of the Italian translator to recreate the allusive density and elliptic porousness of the Joycean text. His suppression, in “Penelope”, of the Italian apostrophe and accents, creates a texture of double-faced sentences and polyguous words that solicit the (Italian) reader’s creative participation and emulate the dynamics of the Joycean text.

é que “leitura” é a palavra certa) se torna um processo de anotação. Em seus estudos de caso das notas de Lavergne, em que tradução e anotação se sobrepõem em alto grau, Conley mostra como o texto do *Wake* revela as notas todas como sendo inconsistentes. Ele também demonstra que qualquer poética da anotação é “por definição tão provisória, comprometida e discrepante quanto qualquer poética da tradução”.

2012 viu a publicação de uma variedade de retraduições do *Ulysses*; temos o privilégio de publicar artigos de autores de duas dessas retraduições – do *Ulisse* italiano, de Enrico Terrinoni, que em dezembro de 2012 ganhou o prestigioso *Premio Napoli*, e do *Ulixes* holandês, de Erik Bindervoet e Robbert-Jan Henkes. Os artigos desses tradutores apresentam *insights* valiosos sobre seus fazeres acadêmicos e sobre suas poéticas. A nova e criticamente aplaudida versão italiana de Terrinoni, produzida na esteira do texto canônico de Giulio de Angelis, de 1960, é discutida aqui pelo próprio autor e por duas joyceanas italianas: a veterana Rosa Maria Bollettieri Bosinelli e Ira Torresi. O artigo dessas estudiosas – originalmente apresentado no *XXIII International James Joyce Symposium*, em Dublin, em junho de 2012 – é uma análise comparativa de vocabulário, idiomatismo e registro das traduções do *Ulysses* de De Angelis e de Terrinoni, fazendo uso da rigorosa metodologia provida pela Teoria dos Polissistemas. O artigo procura mostrar os variados graus em que as duas traduções “re-estrangeirizam” o texto do *Ulysses* – isto é, restauram-no a sua estrangeiridade legítima na cultura receptora, e como ao fazerem isso permitem que seu potencial disruptivo seja (re)gerado no polissistema literário e no ambiente cultural receptor.

O artigo de Enrico Terrinoni ataca um dos problemas mais elusivos da teoria e da prática da tradução: por um lado o problema da versão daquilo que é lexical, semântica e sintaticamente indeterminado, e, por outro, o da poliguidade.³ Ao defender o conceito de tradução-cum-transformação, o vivaz artigo de Terrinoni discute as pressões do mercado livreiro sobre os tradutores e convoca uma resistência a elas via sua própria tradução italiana do *Ulysses*. Através de uma série de exemplos tirados desde “Telemachus” até “Penelope”, o autor traça os empecilhos e as possibilidades que se colocam ante o tradutor italiano na recriação da densidade alusiva e da porosidade elíptica do texto joyceano. Em “Penelope” sua supressão do apóstrofe e dos acentos italianos cria uma textura de frases dupla-face e de palavras políguas que requerem do leitor (italiano) uma participação criativa e uma emulação das dinâmicas do

³ N.T.: O vocábulo “polyguity” é um neologismo usado entre os joyceanos; deriva de “ambiguity”, o prefixo ‘poly’ informando sua acepção: diz de expressões linguísticas que possuem múltiplos significados possíveis. Em português seguiu-se o mesmo mecanismo de produção do neologismo em inglês, gerando “poliguidade”.

Focusing on translation and censorship, Arleen Ionescu retraces the censoring practices in Communist Romania. Adopting Derrida's concept of "hospitality" (the tension between hospitality – itself a site of ambivalence that combines the welcoming host and the welcomed guest – and hostility), Ionescu discusses the Romanian translator in terms of a host, whose house is the Joycean text and whose guest is the Romanian reader. Through a series of textual examples taken from *A Portrait of the Artist as a Young Man* and *Ulysses*, Ionescu demonstrates how religious, political and (especially) sexual overtones in the Romanian translations of these texts were toned down, mitigated, and attuned to the ideological assumptions of Ceausescu's Communist regime.

Finnegancyclopédistes, authors and translators Erik Bindervoet and Robbert-Jan Henkes have been working together for two decades now, having produced a Dutch translation of *Finnegans Wake* (2002) and *Ulysses* (2012). Their exuberant article displays at times a near-Wakean wording and a genuine love of the art of translation; it offers a comparative panorama of the existing three Dutch translations of *Ulysses*. The criterion guiding the authors is the reproduction of the linguistic/stylistic playfulness, humour, plurality and plurivocity of the Joycean text in translation. The essay takes the reader through a series of examples of musical effects that stud *Ulysses*, as well as through the "sandwich passage" in the "Lestrygonians" episode, which displays in a condensed form the revolutionary, multiply allusive, porous and punning Joycean textuality. The authors make clear the need for the multi-faceted translation strategies as they discuss the vastly different "Joyces" that the successive Dutch translations construct in the receiving culture.

The next essay in this dossier, by Erika Mihálycsa, focuses on the translations of one of the stylistically most challenging episodes, "Eumaeus", a compendium of ready-made, hackneyed language, commonplaces, clichés, as well as of errors stylistic and linguistic, misquotations, mismanagements of all denominations. A wealth of examples that illustrate the dominant stylistic infelicities and modes of erring at work in the episode allow the author to show how the successive German, Italian, Hungarian and Romanian translations attempt to risk and breach the linguistic and stylistic norms tabulated by their respective target language cultures, and how they smuggle originality and occasional side gains in the translation text by the back door of error.

Ulysses in Latin? In his lively essay, David Califf proposes a few reasons why such a translation might be useful as he also speculates about the unique challenges *Ulysses* would pose

texto joyceano.

Enfocando o tópico tradução e censura, Arleen Ionescu retraza as práticas censuradoras da Romênia comunista. Ao adotar o conceito de "hospitalidade" de Derrida (a tensão entre hospitalidade – em si um terreno de ambivalência que conjuga o anfitrião hospitaleiro e o hóspede acolhido – e hostilidade), Ionescu trata do tradutor romeno como um anfitrião, cuja casa é o texto joyceano e cujo convidado é o leitor romeno. Através de uma série de exemplos textuais tirados de *A Portrait of the Artist as a Young Man* e do *Ulysses*, Ionescu demonstra como as implicações religiosas, políticas e (especialmente) sexuais foram abrandadas, mitigadas e harmonizadas nas traduções romenas, conforme as pressuposições ideológicas do regime comunista de Ceausescu.

Finneganciclopédistas, autores e tradutores, Erik Bindervoet e Robbert-Jan Henkes vêm trabalhando juntos há duas décadas, tendo produzido traduções do *Finnegans Wake* (2002) e do *Ulysses* (2012) ao holandês. Seu exuberante artigo ostenta, por vezes, um frasear quase-wakeano e um amor genuíno pela arte da tradução; nele oferece-se um panorama comparativo das três traduções holandesas do *Ulysses* existentes. O critério a guiar os autores é a reprodução da brincadeira, do humor, da pluralidade e da plurivocidade linguística/estilística do texto joyceano em tradução. O artigo conduz o leitor por uma série de exemplos de efeitos musicais crivados no *Ulysses*, assim como pela "passagem do sanduíche" no episódio "Lestrygonians", que ostenta de forma condensada a textualidade revolucionária, multi-alusiva, porosa e trocadilhista de Joyce. Os autores deixam clara a necessidade do uso de estratégias de tradução multifacetadas à medida que discutem os "Joyces" amplamente distintos que as sucessivas traduções holandesas materializam na cultura receptora.

O artigo seguinte deste dossiê, de Erika Mihálycsa, enfoca as traduções de um dos episódios mais desafiadores do ponto de vista estilístico, "Eumaeus", compêndio de uma linguagem convencional, banal, de lugares comuns, clichês, assim como de erros estilísticos e linguísticos, citações incorretas, escolhas disputáveis de todos os tipos. A abundância de exemplos que ilustram as desventuras estilísticas dominantes e os tipos de erros em ação no episódio permitem à autora mostrar como as sucessivas traduções ao alemão, italiano, húngaro e romeno procuram arriscar e romper com as normas linguísticas e estilísticas catalogadas pelas respectivas culturas das línguas alvo, e como as traduções passam clandestinamente ao texto uma originalidade e ocasionais ganhos colaterais pela porta de trás do erro.

Ulysses em latim? Em seu espirituoso ensaio, David Califf oferece algumas razões por que uma tal tradução poderia ser útil, à medida que também especula sobre os desafios inigua-láveis

specifically for the Latin translator. Though he offers here only a few examples of Joyce in Latin, Califf joins Terrinoni and the Bindervoet and Henkes team as a translator fully aware of the difficulties of translating *Ulysses* as he effectively demonstrates that Latin would call for normalizing of, for instance, Joyce's vocabulary in "Oxen of the Sun".

Presented here as a niche to the various preoccupations of this Joyce issue of *Scientia Traductionis*, the collaborative project "TransPolylogue" is an attempt to register the responses to some of the matters discussed during the international translation workshop held at the Zurich James Joyce Foundation in May 2010, organized by Fritz Senn and Erika Mihálycsa. "TransPolylogue" brings together ten international Joyce scholars who discuss the translations of *Ulysses* into their respective languages, with glosses on additional translations in languages they work with. Their commentaries are grouped under two headings: "Shortmind" and "Errors". In the "Shortmind" section – "shortmind" here is conceived as analogous to "mental shorthand" – the critics tackle a number of specific translation problems related to the pre-grammatical, semi-articulated features of the interior monologue. Under "Errors", all denomination of mistakes, slippages, lapses, misquotations, stylistic infelicities are analysed, with an eye on how they fare in translation. The task in each case was to trace the translation's possibilities to handle syntactic anomalies, as well as to identify opportunities for lateral growth, for breaching expectations of narrative, syntactic and stylistic coherence in source and target language.

This section of "James Joyce and Translation II" closes with another tour de force performance by Fritz Senn, this time in an interview conducted by Erika Mihálycsa and Jolanta Wawrzycka in August 2011 at the Zurich James Joyce Foundation. The interview offers in-depth elaborations by Senn on reading, translation, reading-cum-translation and offers a number of sample analyses of what can go awry in translation, and why.

On a final note, as the co-editors of this section of *Scientia Traductionis*, Erika Mihálycsa and Jolanta Wawrzycka would like to express their gratitude to Mauri Furlan and Gustavo Althoff for lending once again the forum of *Scientia Traductionis* to the international Joycean community. They also wish to extend warm thanks to Gustavo Althoff for his astute help in shepherding this project to completion.

Erika Mihálycsa & Jolanta Wawrzycka

que o *Ulysses* traria para o tradutor ao latim. Ainda que ofereça poucos exemplos de Joyce em latim, Califf se junta ao time de Terrinoni, Bindervoet e Henkes como um tradutor plenamente ciente das dificuldades de se traduzir o *Ulysses*, pois demonstra de maneira efetiva que o latim exigiria, por exemplo, uma normalização do vocabulário de Joyce em "Oxen of the Sun".

Apresentado aqui como um nicho das várias preocupações deste número sobre Joyce de *Scientia Traductionis*, o projeto colaborativo "TransPolylogue" faz um registro das respostas a algumas questões discutidas durante o workshop internacional de tradução organizado por Fritz Senn e Erika Mihálycsa, realizado na Zurich James Joyce Foundation, em maio de 2010. "TransPolylogue" reúne dez estudiosos de Joyce de variadas procedências que discutem traduções do *Ulysses* as suas respectivas línguas, com glosas sobre traduções para outras línguas com as quais também trabalham. Seus comentários estão agrupados sob dois cabeçalhos: "Shortmind" e "Errors". Em "Shortmind" – concebe-se "*shortmind*" aqui como algo análogo à "taquigrafia mental" – os críticos atacam uma variedade de problemas de tradução específicos relacionados aos traços pré-gramaticais e semi-articulados do monólogo interior. Sob o nome "Errors", toda sorte de erros, deslizos, lapsos, citações erradas e desventuras estilísticas são analisadas a fim de verificar como ocorrem em tradução. Em cada caso a tarefa era traçar as possibilidades tradutórias no lidar com anomalias sintáticas e identificar oportunidades de expansão lateral, de rompimento de expectativas de coerência narrativa, sintática e estilística nas línguas fonte e alvo.

Esta seção de "James Joyce & Tradução II" termina com mais uma performance vigorosa de Fritz Senn, desta vez em entrevista, conduzida por Erika Mihálycsa e Jolanta Wawrzycka em agosto de 2011 na Zurich James Joyce Foundation. A entrevista apresenta aprofundadas elaborações de Senn sobre leitura, tradução, leitura-tradução, e uma variedade de análises amostrais do que pode ir mal numa tradução e por quê.

Por fim, na condição de co-organizadoras desta seção de *Scientia Traductionis*, Erika Mihálycsa e Jolanta Wawrzycka gostariam de expressar sua gratidão a Mauri Furlan e Gustavo Althoff por emprestarem mais uma vez o espaço de *Scientia Traductionis* para a comunidade joyceana internacional. Elas também gostariam de oferecer calorosos agradecimentos a Gustavo Althoff por seu astuto auxílio na condução deste projeto até o seu final.

Erika Mihálycsa & Jolanta Wawrzycka